

“Dançar para a *Fonte*: as reverberações de apresentar um espetáculo criado dentro do método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) ao campo onde foi realizado o *Co-habitar com a Fonte*.”

Elisa Massariolli da Costa; Graziela Estela Fonseca Rodrigues

Introdução

O método BPI, criado pela professora Dra. Graziela Rodrigues, em 1980, propõe um processo de criação pautado na originalidade do artista onde o foco é a identidade do corpo.

No desenvolvimento do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete foi necessário buscar por estudos que considerassem a consciência do movimento em relação não somente à técnica corporal, mas também aos outros diversos aspectos que compõem nossa percepção e expressão no mundo: as sensações, pensamentos e, especialmente, nossas emoções.

Por termos na dança tabus no que diz respeito às emoções do artista, Graziela Rodrigues foi buscar na psicologia estudos que pudessem confirmar e aprimorar o que já se estava vivenciando dentro do BPI. Encontrou, principalmente nos estudos de Imagem Corporal, explicações que deixassem mais claro e palpável o que se passa no processo do artista que vivencia este Método. Para estudos de IC, no BPI, utilizamos principalmente SHILDER (1994) e TAVARES (2003 e 2007), que nos trazem as diversas dimensões constituintes da imagem corporal, considerando a complexidade inerente a este conceito, como, por exemplo, na seguinte definição de TAVARES (2003; pag. 34):

O termo imagem corporal muitas vezes tem sido relacionado com a imagem visual do corpo. No entanto, imagem aqui se refere à imagem mental ou representação mental, o que é bem mais abrangente do que a representação unicamente visual de um objeto. O conceito de imagem mental não está vinculado a uma modalidade sensorial específica, mas integra experiências afetivas, sociais e fisiológicas, com múltiplas entradas sensoriais (tato, temperatura, visão, propriocepção, etc).

Sobre o método BPI, aponta TAVARES (2003; pag. 50):

[no BPI] A ênfase dada no reconhecimento das sensações e movimentos genuínos do artista confere ao processo um potencial enorme como elemento facilitador de experiências muito especiais para o desenvolvimento da imagem corporal do bailarino. Podemos imaginar a complexidade e a profundidade de um processo como este que assume e busca a originalidade no cerne do corpo da pessoa do artista.

Na minha trajetória dentro do método BPI, orientada e dirigida pela professora Graziela Rodrigues, houve um claro desenvolvimento da minha imagem corporal, que passou por construções e desconstruções até que fosse incorporada a personagem Mulher-gavião, síntese de todo o meu processo artístico. Houve superação de desafios, quebra de idealizações, aceitação e integração do próprio corpo e de seus conteúdos, tendo como resultado o aprimoramento enquanto intérprete de dança.

Para uma melhor compreensão do momento atual desta pesquisa, descreverei brevemente o histórico da mesma:

Antes do presente projeto, já com a orientação da professora Graziela, foi desenvolvida a pesquisa de Iniciação Científica: “A experiência do método BPI na criação em dança: o corpo como lugar de encontro”. Pude então vivenciar o Método na sua íntegra, passando na prática pelas diversas etapas que o BPI propõe para o processo criativo.

Para vivenciar o eixo *Co-habitar com a Fonte* foi realizada pesquisa de campo na aldeia Xavante de Sangradouro, MT, próxima ao município de Primavera do Leste. Tomando todos os cuidados necessários e respeitando as peculiaridades do campo em questão, foi possível uma experiência permeada de relações empáticas.

Para poder, de fato, *Co-habitar com a Fonte*, não dependemos apenas de apreender dados teóricos do campo, ou da quantidade de tempo que passamos lá, mas sim da qualidade e vitalidade presentes na relação com o outro (RODRIGUES; 2003, pag.112).

A partir da minha experiência de campo deram-se início os laboratórios corporais para a compreensão, através da dança, do que havia sido apreendido em Sangradouro.

Meu corpo revelou então, principalmente, sensações, imagens, movimentos e emoções relacionados ao contato com as mulheres xavante. A convivência com elas foi um rico campo emocional, que trouxe à tona diversos sentidos e questionamentos. O conteúdo apreendido delas foi um misto de força e resistência com uma extrema fragilidade, expressa em timidez, nos olhares que desviam, nas posturas de acumamento. Novas e velhas, frágeis e fortes, raivosas ou benevolentes, as mulheres xavante foram cinesteticamente absorvidas pelo meu corpo, transformando minha imagem corporal.

Outros conteúdos que afloraram estão relacionados a questões sociais e polêmicas referentes à realidade indígena do Brasil: preconceitos, disputa por território, limite acirrado de espaço, perdas, crises quanto à identidade cultural, transformações, devastação dos recursos naturais, entre outros. Estes tópicos fazem parte do cotidiano dos xavante e, portanto, dos seus corpos. Por esta razão, isso tudo também foi apreendido pelo meu corpo.

Na proposta do BPI, a depuração dos conteúdos do campo visa um movimento total. A bailarina, consciente de seu tônus corporal, seus sentidos, imagens e emoções, traz à tona aquilo que há de mais precioso em seu interior, e que carece de ser comunicado: uma verdade resultante das diversas interações do corpo dançante, síntese que só se mostra após inúmeras escavações, incansáveis mergulhos, minucioso trabalho artesanal de tecer fios que através da lógica dificilmente seriam trançados, mas através do bailarino em movimento se atam em combinações originais e inesperadas.

Com esta perspectiva pôde-se, então, delinear cada vez mais claramente imagens que muitas vezes pareciam um tanto desconexas. Foi possível também perceber os conteúdos que não permitiam o fluxo de movimentos, deixando muitas vezes meu corpo inerte e destituído de sentidos, ou atravancado em imagens destrutivas. Para esses momentos, foi dada uma atenção especial por parte da diretora e orientadora, que possibilitou a compreensão desses conteúdos, para transformá-los ou então retirá-los do corpo.

Houve um constante esforço para despojar-me das expectativas e idealizações quanto ao que era processado nos laboratórios. Aos poucos, foi possível a nucleação da personagem, depois de muitas construções e desconstruções da minha imagem corporal

Deu-se então a *incorporação* da Mulher-gavião, que agregou em si, além das impressões advindas do meu *Co-habitar* com as mulheres, aspectos de um mito xavante, sem que eu tivesse, anteriormente, lido ou ouvido qualquer coisa a respeito. Nesta etapa do processo, a diretora apontou que quando o *Co-habitar* é vivenciado profundamente, é possível que o corpo adentre na mitologia e em arquétipos presentes no campo pesquisado sem que o intérprete tenha conhecimentos prévios dos mesmos.

A Mulher-gavião traz em si a metamorfose, transformando-se em bicho para lidar com as dificuldades intrínsecas do seu ambiente, para superar a morte e seguir adiante com seus impulsos vitais. Seu corpo é formado de lama, raízes, troncos, ossos, carne, vísceras, e um útero forte. O bicho se humaniza e se assume enquanto mulher quando se aproxima de seu filho, um bebê que precisa dos cuidados da mãe para sobreviver aos percalços da sorte. Entre paisagens de chão fértil de mata cheirosa, ou de chão cinza, de tudo seco e queimado, ela percorre caminhos em busca de sobrevivência, afirmando sua vontade de viver e de proteger seu filho.

Na fase da *Estruturação da Personagem* abre-se também um leque de novas possibilidades a serem exploradas: a personagem não está fechada, mas possui vida própria. Por isso, a cada dia é possível descobrir mais aspectos de suas características, suas histórias, seus pontos fracos e fortes. Este dinamismo possibilita a continuidade do desenvolvimento da imagem corporal do intérprete.

Os conteúdos expressos pela personagem vão indicando um roteiro a ser construído para o espetáculo. Este é estruturado de forma não rígida, e pode ser modificado conforme novas necessidades que vierem da personagem. Segundo TURTELLI (2009, p.138):

Na perspectiva do BPI o intérprete não pode colocar-se “à frente” da personagem, ele não a domina, ele jamais a conhecerá totalmente, pois ela está viva, não está em livros. Ela sempre será surpreendente.

A partir do que a Mulher-gavião veio a expressar, foi criado o espetáculo “Nascedouro”, que estreou no Parque Ecológico Emílio José Salim, em Campinas, SP. O espetáculo foi apresentado doze vezes, durante os meses de novembro e dezembro de 2008, dezembro de 2009 e março de 2010, em São

Paulo e outras cidades.

Ao pensarmos qual seria o melhor encaminhamento a esta pesquisa para que se continuasse o meu desenvolvimento dentro do método BPI, chegamos à proposta deste projeto de Mestrado: levar à *Fonte Co-habitada*, ou seja, aos xavante, o resultado obtido a partir do campo realizado com eles, completando assim o ciclo de “Nascedouro”.

Ao levá-lo à aldeia indígena, pretendemos ver quais serão as reverberações deste contato. A pretensão não é apresentar “Nascedouro” como algo pronto e fechado, mas deixá-lo disponível à influência direta da comunidade. Saber se de fato esse trabalho coreográfico atingiu a devida profundidade quanto ao campo pesquisado e qual o nível de diálogo que pode ocorrer com os xavante a partir dele. Visa-se também o meu desenvolvimento como intérprete nesta nova troca de imagens corporais que acontecerá.

Este novo contato, onde agora quem se expõe a ser observado é o bailarino-pesquisador-intérprete, propõe uma relação diferente entre “pesquisador” e “pesquisados”, podendo proporcionar variados tópicos de discussão e aprofundamento no método BPI e também nos conhecimentos relacionados à Imagem Corporal.

Referências

RODRIGUES, G. E. F. *O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método*. 171p. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

Schilder, P. (1994) *A Imagem do Corpo: As Energias Construtivas da Psique*. São Paulo: Martins Fontes,

Tavares, M. C. G. C. F. (2003) *Imagem Corporal: conceito e desenvolvimento*. São Paulo: Manole.

Turtelli, L. S. *O Espetáculo Cênico no Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete*

(BPI): um estudo a partir da criação e apresentações do espetáculo de dança *Valsa do Desassossego*. 309p. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2009.